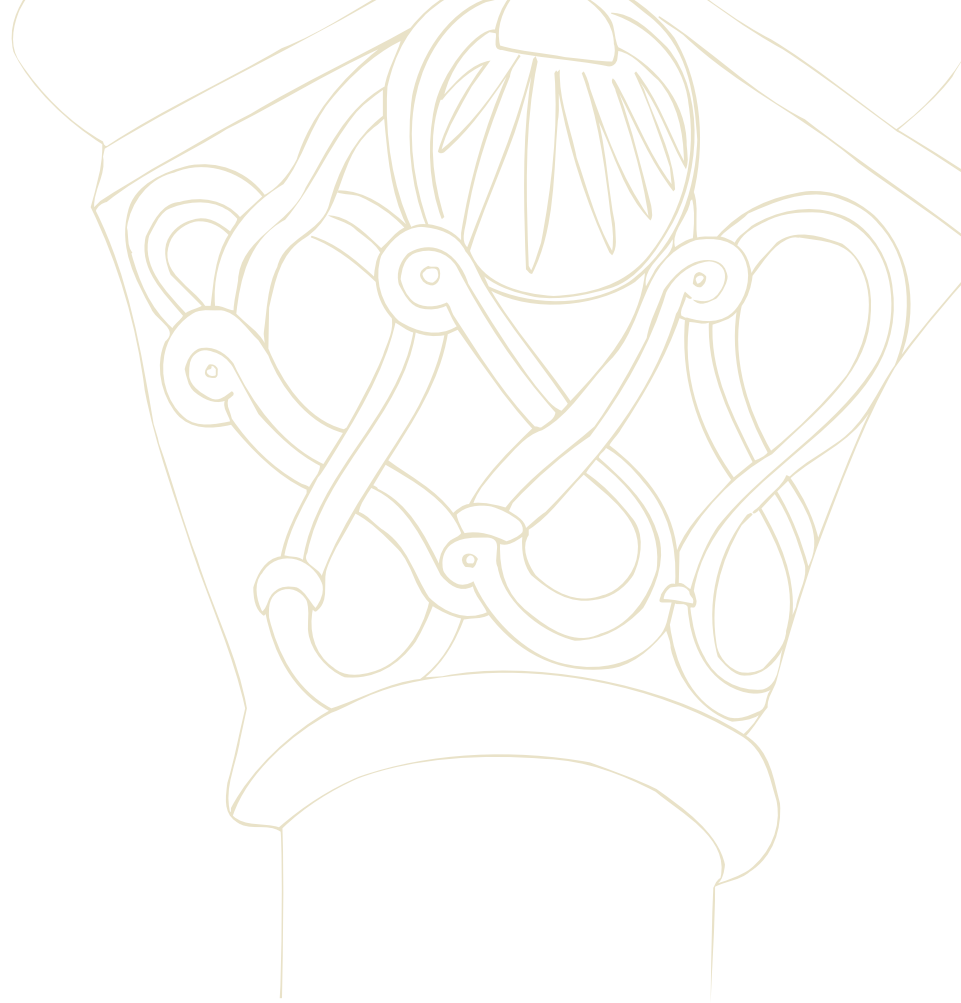




igreja

IGREJA DE SANTA MARIA DE AIRÃES



1. A Igreja na Época Medieval

87

A Igreja de Santa Maria, situada no lugar do Mosteiro, freguesia de Santa Maria de Airães, no concelho de Felgueiras, corresponde a uma antiga fundação, uma vez que está documentada desde 1091¹. No entanto, o templo actual não corresponde a uma datação tão antiga.

Nas Inquirições de 1220 a igreja é referida como *ecclesia de Araes*, no julgado de Felgueiras. Nas Inquirições de 1258, *Sancte Marie de Araes* continua a ser do padroado de nobres e da apresentação do arcebispo de Braga². O padroado da igreja conhecerá sucessivas transferências, sendo já da Coroa em 1394, que o vincula à Ordem de Aviz. Em 1517 constitui-se como comenda da Ordem de Cristo³.



1. A existência de uma Igreja de Santa Maria de Airães está documentada desde 1091. No entanto, a edificação medieval deverá corresponder ao final do séc. XIII ou mesmo ao início do séc. XIV.

1 P.M.H. *Diplomata et Chartae*. Lisboa, 1867, doc. DCCSXLVI.

2 P.M.H. – *Inquisitiones*. Lisboa, 1888, pp.73, 166, 209.

3 Cfr. documentação citada em AA. VV. – «Santa Maria de Airães». *Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa. 2ª Fase*. Vol. 2, s/n. Porto, 2005, p. 269.

Francisco Xavier da Serra Craesbeeck registou, em 1726, a existência de uma inscrição já desaparecida e que se encontrava junto ao púlpito, referente ao ano de 1184 da Era Cristã, onde constava:

E(ra) M CC XX II VII / ID (us)⁴

Segundo Mário Barroca, a inscrição já se encontrava incompleta em 1726, faltando a indicação do mês e, provavelmente, uma parte do texto que poderia esclarecer a natureza do acontecimento que a inscrição memorizava⁵.

Embora a Igreja apresente três naves, da construção românica, originalmente de uma só nave, conserva-se a cabeceira, de planta rectangular coberta por abóbada de berço quebrado e a parte central da fachada principal, voltada a Ocidente.

A cabeceira tem dois tramos e acusa, nas molduras dos arcos, modelos já próprios da arquitectura gótica. O capitel que figura anjos ajoelhados com candelabros, do lado do Evangelho, corresponde a uma temática mais evoluída, igualmente própria da Época Gótica.



2. Embora a Igreja seja composta por três naves, planimetria que corresponde a uma ampliação da Época Moderna, a construção românica apresentava unicamente uma nave.

88



3. Cabeceira. As molduras dos arcos seguem modelos próprios da Época Gótica.



4. Capitel da cabeceira. O capitel, onde figuram dois anjos ajoelhados que seguram candelabros, segue uma temática já da Época Gótica.

4 CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda, 1992, vol. II, pp. 11–12.

5 BARROCA, Mário Jorge – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. *Corpus Epigráfico Medieval Português*. Vol. II, Tomo I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, p. 461.



5. A cabeceira apresenta uma cornija sobre arquinhos, solução comum a São Vicente de Sousa (Felgueiras), a São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira) e a algumas parcelas do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (Penafiel).

As frestas encontram paralelos nas igrejas do Mosteiro de São Pedro de Cête (Paredes) e do Salvador de Paço de Sousa (Penafiel). Exteriormente, a cornija da cabeceira apoia-se em pequenos arcos, modalidade comum às igrejas de São Vicente de Sousa (Felgueiras), de São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira) e às naves laterais da igreja do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa.

Na fachada principal, o portal tem um arranjo similar aos portais das igrejas de São Vicente de Sousa, do Salvador de Unhão e São Pedro de Ferreira. Está inserido em estrutura pétrea pentagonal e saliente à fachada, para que possa ser mais profundo. As quatro arquivoltas não apresentam decoração e a forma e dimensão dos capitéis indicam já soluções góticas. A decoração das bases e dos plintos segue os modelos próprios da região.

A norte da cabeceira ergue-se a torre sineira, de difícil datação, embora os vãos de entrada e de iluminação pareçam corresponder à Época Gótica.

No embasamento da igreja há silhares almofadados, de tipologia romana, que sugerem a existência de um antigo edifício dessa época nas proximidades, eventualmente até uma primitiva igreja paleocristã ou suevo-visigótica.

Glosando soluções românicas da região do Vale do Sousa, esta igreja, dado o aspecto tardio de alguns elementos como os capitéis do portal axial e as molduras e capitéis da cabeceira, deverá datar do final do século XIII ou mesmo do início do século XIV. É, assim, um exemplar que mostra bem o quanto o padrão construtivo da Época Românica, desta região, teve uma longa permanência.

Um dos aspectos mais significativos e peculiares da arquitectura românica do Vale do Sousa reside, precisamente, na aceitação dos modelos construtivos e das soluções decorativas, próprias da Época Românica, durante longo tempo.

Se a cronologia desta igreja coincide com a Época Gótica, uma vez que já nos inícios do século XIII a construção gótica tem expressão em Portugal, como por exemplo no claustro da Sé Velha de Coimbra e no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, é de notar que os dois estilos, românico e gótico, coexistem

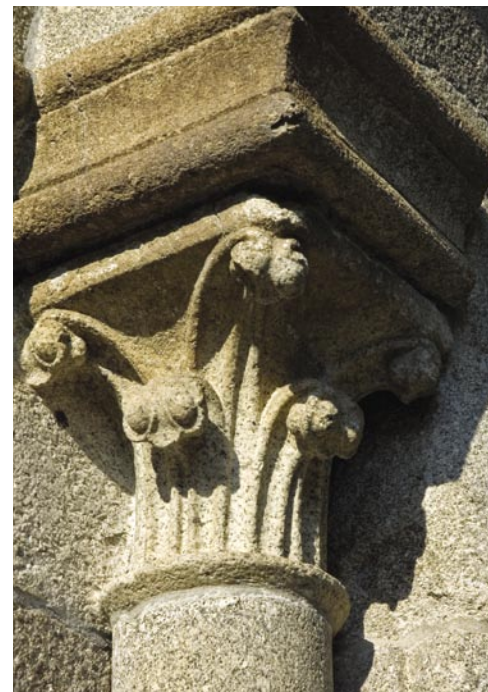


6. Fachada ocidental. O portal inserido numa estrutura pétrea saliente à fachada, para que possa ser mais profundo, apresenta uma solução semelhante aos portais das Igrejas do Salvador de Unhão (Felgueiras), São Vicente de Sousa (Felgueiras) e São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira).





8. Portal ocidental. Capitel.



9. Portal ocidental. Capitel.

no tempo e, por vezes, também no mesmo edifício. No território português, as regiões do Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes e Beiras adoptam soluções românicas até ao século XIV e, por vezes, até ao século XVI, que se miscigenam com aspectos da arquitectura gótica, como acontece na Igreja de Santa Maria de Airães. No Vale do Sousa, a esta longa e mais geral permanência do Românico, acresce ainda um gosto muito próprio da região, que aprecia a decoração vegetalista e geométrica, cujos padrões e técnicas se definiram na Época Românica. [LR]

2. A Igreja na Época Moderna

Para compreender este edifício e os seus aspectos artísticos datados da Época Moderna, há que ter em conta que constituiu, nesse período, uma importante comenda das Ordens Militares de Malta e de Cristo⁶, tornando-se igreja paroquial só em 1834, como resultado do processo de extinção das Ordens Religiosas em Portugal. Deste modo, é relevante considerar este facto para perceber os múltiplos investimentos feitos para enriquecer este templo e também para descodificar a surpreendente e significativa dimensão que assume, se considerarmos que foi um edifício que só adquiriu o estatuto de cabeça de paróquia no século XIX.

No ano de 1726 estavam dependentes da Igreja de Santa Maria de Airães e na qualidade de filiais as capelas de Santo Amaro, Nossa Senhora da Assunção e Nossa Senhora da Nazaré e sabe-se que junto

7. Portal ocidental. Os capitéis apresentam soluções góticas, enquanto as bases e os plintos seguem modelos próprios do românico da região do Vale do Sousa.

6 Segundo CRAESBEECK, em 1726, esta igreja era reitoria da Mitra e comenda da Ordem de Cristo. Vd. CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Vol. II. Ponte de Lima: Ed. Carvalhos de Basto, Lda, 1992, p. 11.



10. O interior da igreja, apresentando três naves e altares colaterais, corresponde a reformas realizadas na Época Moderna.

92

da igreja existia «um grande casario da residência dos reitores, assim como casas grandes e antigas dos comendadores».

Nesta igreja convivem com elementos medievais, visíveis sobretudo ao nível da estrutura arquitectónica, outros acrescentados em épocas posteriores, resultando um conjunto rico pela sua diversidade estética. Concretamente, sobre as adições artísticas pós-tridentinas, são várias as componentes observáveis, nomeadamente, ao nível dos revestimentos artísticos que apresenta.

A renovação interior desta igreja, através das artes modeladoras do espaço, passou por diversas fases, norteadas pela evolução das correntes artísticas. Sempre que uma instituição religiosa possuía desafogados recursos económicos, o dever do tempo é assinalado na edificação com a renovação dos seus equipamentos litúrgicos: paramentos novos mais ricos e sumptuosos, peças em prata e ouro, altares, imagens de santos em pintura ou escultura.

Toda esta panóplia de objectos que compõem e integram o espaço sacro seguem as evoluções artísticas gerais, e assim, quando uma igreja, confraria ou irmandade faz a encomenda de alguns destes equipamentos, procuram sempre as formas artísticas mais avançadas do tempo. Se as formas mais vanguardistas da arte de cada tempo estão patentes nas artes religiosas, a aquisição de um objecto artístico por uma instituição, por outro lado, esteve sempre associada a uma manifestação da piedade religiosa e devocional. Fornecer a igreja paroquial de novos equipamentos era entendido como um acto devocional. Na Época Moderna, como nas outras, os leigos e religiosos quiseram oferecer «o melhor para Deus». Não é, pois, de estranhar a renovação do espaço sacro pelas artes complementares: retabulística, pintura, azulejaria, paramentaria, ourivesaria, entre outras. Mas quando os recursos materiais são abundantes, a renovação mais forte e mais profunda opera-se pela transformação da arquitectura, reconstruindo a totalidade do edifício ou algumas das suas partes constituintes.

O número de altares e respectivas invocações era, no ano de 1758, muito diferente do actual. A capela-mor estava apetrechada com um retábulo dourado e sacrário, nas naves quatro altares colaterais, dois



11. Nave da Epístola.



12. Nave do Evangelho.



13. Retábulo. De gosto *rocaille*, este retábulo que data de finais do séc. XVIII, integra as imagens de *São José*, de *Santa Ana* (ensinando a Virgem a ler), de *São Joaquim*, de *Santo António*, da *Virgem com o Menino* e de *Santa Luzia*.



14. Retábulo. De desenho *rocaille*, mas com a estrutura posteriormente alterada, na zona central, este retábulo guarda as imagens do *Sagrado Coração de Jesus* e do *Sagrado Coração de Maria*.

na nave central, considerada pelo autor desta informação do século XVIII como «corpo da igreja», e um em cada uma das naves laterais. Na nave norte situava-se a capela de Santa Luzia, sendo uma invocação muito representativa do universo devocional da freguesia. A festa a Santa Luzia realiza-se a 13 de Dezembro, contando com a presença de «munto pobo desta redondeza em romaria». Na nave oposta, o retábulo de Santo António. Dos dois retábulos da nave central, apenas sabemos que um era dedicado ao Santo Nome de Jesus, sendo responsável a Confraria do mesmo nome da capela⁷. O conjunto de talha que a igreja actualmente apresenta é posterior a esta informação do ano de 1758, testemunhando outra renovação do espaço sacro da Igreja de Airães.

Existem dois retábulos colaterais, colocados nas paredes fundeiras das naves laterais, em talha pintada a branco e dourado. Essas peças, datadas do último quartel do século XVIII, organizam-se segundo uma estrutura ligeiramente côncava e apresentam um embasamento formado por uma mesa de altar saliente, cuja decoração inclui elementos concheados de gosto *rocaille*. Na zona do corpo do retábulo estão colocadas lateralmente colunas (uma de cada lado) com o fuste, marcado no seu primeiro terço, decorado com motivos vegetalistas. Estas colunas enquadram um pano central que se organiza em dois registos horizontais, como se vê no altar do lado do Evangelho, que conserva ainda a estrutura original. Neste último retábulo rasgam-se lateralmente pequenos nichos sobrepostos, que enquadram a zona central da estrutura, num número de dois por lado, que recebem esculturas de pequenas dimensões. No centro do retábulo estão mais dois nichos que albergam também imaginária e que mostram o seu interior pintado com motivos fitomórficos desenhados a dourado, azul e vermelho sobre um fundo azul claro.

⁷ Memórias Paroquiais de 1758, transcritas por RODRIGUES, José Carlos Meneses – *Retábulos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa (séculos XVII-XIX)*. Vol. III, dissertação de tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2004, p. 686.

No remate destes altares é possível observar espaldares recortados e enquadrados por duas robustas aletas, sendo os motivos vegetalistas, combinados com concheados, dominantes na sua decoração.

A imaginária é fundamental na valorização destas estruturas retabulares sobretudo pela qualidade que apresenta o conjunto. Assim, no altar colateral do lado do Evangelho estão, nos nichos do registo inferior do corpo do retábulo, da esquerda para a direita, as imagens de *São José*, de *Santa Ana* (ensinando a Virgem a ler) e de *São Joaquim*, as quais são sobrepujadas no registo superior pelas de *Santo António*, da *Virgem com o Menino* e de *Santa Luzia*.

Acerca das esculturas acolhidas no altar colateral do lado da Epístola, cuja estrutura se encontra alterada, uma vez que a zona central do retábulo foi alterada com o rasgamento de um grande nicho recortado, estão patentes peças recentes como as imagens do *Sagrado Coração de Jesus* e *Sagrado Coração de Maria*.

Fora dos retábulos, existem ainda outras peças dignas de nota como as imagens seiscentistas de *Santa Quitéria* e *São Bartolomeu* e, ainda, as imagens de *São Roque* e a de *São Miguel Arcanjo*, datada do século XVIII, à qual faltam os atributos iconográficos, estando presente numa mísula do lado da epístola.

Outro aspecto fundamental na caracterização e identificação de elementos artísticos com origem em reformas operadas no contexto pós-Trento presentes neste edifício é o do revestimento azulejar dos alçados laterais da capela-mor.

Trata-se de um núcleo de azulejos policromos seiscentistas cujas unidades são módulos repetitivos que formam um padrão 2x2⁸, que multiplicado, resulta num tapete cerâmico que reveste integralmente as paredes laterais daquele espaço. O motivo decorativo representado no padrão é a camélia, que se desenha a azul e amarelo sobre um fundo branco, a partir do ponto principal de rotação que está marcado por uma pequena flor. Em redor da camélia desenvolvem-se elementos rectilíneos pintados a azul que estabelecem a ligação entre os vários padrões que se repetem no conjunto.

Relativamente à guarnição aplicada, corre a toda a volta do tapete uma cercadura cujo padrão de repetição é composto por dois azulejos: elementos vegetalistas, pintados a azul e amarelo sobre fundo branco, desenham «C's» que se desenvolvem a partir de um elemento axial oval marcado a azul e com o seu núcleo a amarelo⁹.

O impacto deste revestimento no espaço da capela-mor é marcante. Estranha-se, contudo, a ausência de um retábulo em talha dourada que provavelmente completaria o conjunto. Afinal a talha e o azulejo, na Época Moderna, foram revestimentos que sempre conviveram na maioria dos espaços sacros portugueses.

Sobre a sacristia, que corresponde ao volume sul adossado à capela-mor, com cobertura de uma só água, é importante referir a existência de uma peça de características singulares: uma pequena maquieta, de linhas rococó, que alberga um conjunto de imagens, com uma qualidade artística digna de nota, que integrariam um presépio provavelmente de maiores dimensões.

Por fim, há que referir que este edifício sofreu obras de remodelação no século XIX, o que terá alterado o seu aspecto. Não se sabe qual o nível de profundidade dessa intervenção, contudo, é notória a ausência de alguns elementos fundamentais como o retábulo-mor e outras componentes. Exemplo dessas obras está, por exemplo, a cobertura da nave central, em madeira, formando abóbada de berço, com uma pintura no seu centro dedicada ao orago. [MJMR / DGS]

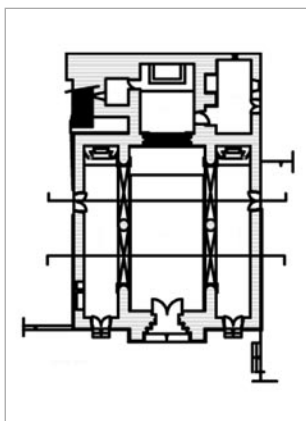


15. Cabeceira. Azulejos seiscentistas.

8 Identificado por Santos Simões como P-226. Vd. SIMÕES, J.M. dos Santos – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*. 2ª Edição, Tomo I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 47.

9 O desenho do padrão desta cercadura foi identificado por Santos Simões como C-59, sendo o seu trabalho registado apenas na versão azul e branca. Vd. *Idem*, p. 148.

3. Conservação e requalificação



16. Planta da Igreja posteriormente ao restauro.

Durante a Época Moderna, como vimos anteriormente, assistimos a uma renovação do espaço litúrgico dos edifícios religiosos. Esta traduz-se em grandes reformas, como é exemplo a Igreja de Santa Maria de Airães, onde as naves laterais são ampliadas e transformado o interior do templo religioso.

Nos anos 70 do século XX são executadas obras de conservação e requalificação do imóvel que virão a ser realizadas sob a orientação do Bispo Auxiliar do Porto, D. Domingos de Pinho Brandão e do arquitecto Solla Campos. O projecto pretendia devolver ao templo de Santa Maria de Airães a sua raiz medieval, tanto no exterior como no interior da igreja. As obras incidiram particularmente no arranjo da cobertura, na colocação definitiva dos altares, no restauro da sacristia e na realização de sondagens arqueológicas no interior.

No último quartel do século XX são realizados diversos trabalhos de conservação, a cargo da paróquia e da Comissão Fabriqueira, sob a orientação da DGEMN. O arranjo da área envolvente e a construção de equipamentos de apoio são da responsabilidade da autarquia local.

Entre 2004 e 2007 são realizadas obras de conservação de carácter geral, tendo em conta o bom estado de conservação que o edifício apresentava, no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*. [MB]

Cronologia

Séc. XI – Fundação da igreja;

Sécs. XIII-XIV – Edificação românica;

Sécs. XVII e XVIII – Ampliação das naves laterais e remodelação e transformação dos interiores;

1980 – Diversos trabalhos de conservação e restauro realizados pela paróquia com orientação técnica da DGEMN;

1989 – Obras de conservação e restauro, coberturas, drenagens exteriores e instalação eléctrica;

1992 – Obras de beneficiação geral das coberturas, restauro do tecto e altares;

2004/2007 – Obras de conservação e salvaguarda do imóvel, do revestimento azulejar e restauro de peças escultóricas ao abrigo do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*.